

COSTA, Ana Alice Alcantara (Org.). *Estudos de gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano*. Salvador: EDUFBA: NEIM, 2011. 338 p. (Coleção Bahianas; 13).

Clarice Pinheiro¹

A coletânea de artigos *Estudos de gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano*, publicada em 2011 como parte da *Coleção Bahianas*, é uma publicação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), em parceria com a EDUFBA. O referido livro é a segunda coletânea de textos produzidos conjuntamente por discentes e docentes do Programa Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), tendo sido antecedido pela coletânea *Construindo interdisciplinaridades: estudos de gênero na Bahia*, publicada em 2008.

Estudos de gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano, organizado e introduzido por Ana Alice Alcantara Costa, conta com 12 textos construídos a partir dissertações de mestrado defendidas no PPGNEIM – Programa que faz parte do NEIM, sendo resultado de seus quase 30 anos de trajetória que, de acordo com o texto introdutório, sempre teve como preocupação dominante:

[...] procurar novos parâmetros teóricos metodológicos que não reproduzam as categorias do sistema de dominação patriarcal, escapando dos símbolos determinados das categorias abstratas e universais que tentam negar as diferenças e padronizar as pessoas. Isso pautado na crença de que não é possível continuar aceitando que o sexo biológico determine as posições de sujeito que os indivíduos possam ocupar na hierarquia social, baseada numa cultura política patriarcal autoritária, que vem mantendo as mulheres e outros grupos, falsamente identificados de minoritários, à margem da sociedade (COSTA; SARDENBERG; VANIN, 2010 apud COSTA, p.7-8).

Tal preocupação marca também o eixo dos 12 artigos que compõem a coletânea, são textos que aparecem organizados a partir de uma proximidade temática divididos em quatro blocos. O primeiro agrupa aqueles que se juntam em torno de um “padrão moral”, que

¹ Professora do Departamento de Ciência Política, vinculada ao Colegiado do Bacharelado Gênero e Diversidade da UFBA, possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (2008). É mestre em Teoria Literária na Universidade Federal de Santa Catarina (2010), com pesquisa sobre a perspectiva feminista do amor na escritora Rosa Montero. Atua na área de educação para o ensino de gênero e diversidade, gênero e cultura.

implica tanto a honra masculina quanto o exercício da sexualidade feminina. O segundo bloco trata da perspectiva de empoderamento das mulheres, seja por meio da educação ou por meio sindical. O terceiro bloco fala diretamente do papel da educação como reprodutora de valores sexistas e estereótipos de gênero. O quarto bloco trata, por sua vez, de trazer para a contemporaneidade uma parte da história do feminismo na Bahia.

De acordo com a organizadora, a coletânea procura mostrar as diversas perspectivas disciplinares que norteiam o PPGNEIM e principalmente contribuir para a consolidação dos estudos feministas na Bahia.

Quando nos debruçamos sobre a coletânea, percebemos que ela pode ser rearrumada de acordo com as coautorias que, em se tratando de textos retirados de dissertações de mestrados, podemos dizer que se tratam também de orientações.

Para falar brevemente de cada texto, optei por alterar a ordem em que eles estão organizados, quebrando a proximidade de conteúdo e privilegiando as orientações. De certo modo, é colocar lado a lado trabalhos que de algum modo caminharam juntos, seja pelo foco de gênero, seja pela condução teórica dada pela orientação.

Os crimes passionais em Salvador gênero e honra (1890-1940) é o texto que abre a coletânea, de autoria de Antonio Carlos Lima da Conceição em coautoria com a Professora Lina Maria Brandão de Aras. O texto procura cruzar fontes jornalísticas e criminais para compreender as múltiplas vozes que giravam em torno dos crimes passionais do período em questão, colocando o foco no criminoso passional como uma criação jurídica que marcou a cidade do Salvador, ao colocar questões de gênero como justificativa para a prática dos crimes. Os autores mostram como expressões do tipo “cena de sangue” ou “marido traído”, que povoavam a imprensa da época, não apenas mexiam com os leitores por trazer ao crime um caráter novelístico, como também faziam da violência entre casais um discurso apaixonante e apelativo.

Ao comparar os discursos jurídicos com o narrado nos jornais da época, os autores perceberam como na cidade do Salvador havia uma discrepância entre o modelo de gênero do crime passional e a realidade dos crimes que os advogados de defesa tentavam enquadrar dentro do que seria um crime passional, para “liberar” seus clientes de uma pena mais dura, utilizando a “paixão” como uma justificativa para a execução de um crime e não como uma evidência de irresponsabilidade a ser punida. O que os autores mostram é que,

na maioria das vezes, esses supostos passionais não se enquadram no que seriam “homens de bem”, por muitas vezes viverem às custas das mulheres, não terem profissão declarada e viverem na ociosidade. Evidenciando, desta forma, como os estereótipos de gênero estavam presentes tanto nos processos crimes quanto na imprensa da época.

Também de coautoria com a professora Lina Maria Brandão de Aras, o texto de Maria Carolina S. Martins da Silva, intitulado *As mulheres na linha da honra e da boa conduta; Feira de Santana (1960-1970)*, interliga-se ao texto de Antonio da Conceição, abordado anteriormente, por tratar também dos estereótipos de gênero que giram em torno de uma conduta moral e de uma honra a ser defendida após a mudança do Código Penal, em 1940. Esse segundo texto analisa as mudanças modernizadoras sofridas na produção e reprodução de um discurso moralista nas décadas de 1960 e 70, em uma já não tão pequena cidade do interior da Bahia, como é Feira de Santana.

Por meio de pesquisa tanto nos processos crimes, como nos jornais e fontes orais, as autoras buscam analisar como os discursos moralistas são divulgados pela Igreja, pelo Poder Público e pelas instituições jurídicas, mapeando o que seriam os códigos de conduta norteadores daquela sociedade. Estas constataram como os valores construídos estabelecem a noção social da honra masculina e feminina e como estas estão valoradas em relações de poder condicionadas às relações de gênero que legitimam um discurso dominante de tal sociedade.

De acordo com as mesmas, os discursos moralizadores estavam fincados num discurso cristão e dicotômico com mulheres honestas ou desonestas, sempre referenciadas a partir do mundo privado carregado de símbolos, estigmas e estereótipos, que permanecem vigentes mesmo após a modernização da cidade, com a chegada da industrialização trazida pelo governo dos militares. O que o texto nos mostra é a manutenção dos costumes dentro de um modelo de moral pouco ressignificado e mantido pelas mulheres que atuaram como chefes de família e tinham uma conduta a zelar a partir do lugar social que ocupavam.

“*De volta às aulas...*” o cotidiano de professoras em cursos de capacitação, de autoria de Lina Maria Brandão de Aras e Andrea da Silva Cunha, sai do tema da honra e da moral para tratar do empoderamento das mulheres por meio da educação. Nesse texto, as autoras vão trazer à cena as mudanças do cotidiano enfrentadas pelas professoras da rede estadual de ensino básico que retornam à sala de aula no Programa de Licenciaturas

Especiais (PROLE), mais especificamente no curso de história – lembrando que o PROLE é resultante da exigência de formação superior para todos os professores da Educação Básica.

O texto procura ir além do cotidiano das professoras nas salas de aula do curso e busca pensar como estas conseguem conciliar a jornada de 40 horas de sala de aula com os afazeres de mãe, dona-de-casa e estudante, num curso noturno de graduação. Este texto põe em pauta as mudanças que ocorreram na vida cotidiana e familiar dessas alunas durante e depois do PROLE, levando em consideração que a maioria delas eram as únicas responsáveis pela educação dos filhos.

As autoras mostram também como a atividade profissional fora do lar não contribuiu, no caso específico dessas mulheres, para sua libertação, continuando presas a todos os serviços da manutenção doméstica e sentindo-se culpadas pela ausência semanal por conta do trabalho e estudo. Apesar da grande importância que cursos de capacitação têm na vida tanto de homens quanto de mulheres, enquanto estas estiverem presas a uma jornada de trabalho doméstico, qualquer curso vem acompanhado de muitos sacrifícios.

O último texto da coletânea, *O discurso feminista no Diário da Bahia (1931-1937)*, de autoria de Tatiana Lima de Siqueira, é o quarto e último texto de coautoria da Professora Lina Maria Brandão de Aras. É um artigo que difere dos demais da coletânea por tratar diretamente do movimento feminista, mais especificamente do princípio do movimento feminista na Bahia e sua repercussão na imprensa da época. Analisando a presença feminista em um jornal de grande circulação, as autoras identificaram três momentos distintos do movimento no período estudado. Primeiro, a presença da Federação Bahiana pelo Progresso Feminino, marcando um feminismo “bem comportado”, atrelado à religião e numa total coincidência entre ser feminista e defender os papéis tradicionais destinados às mulheres, somando-se a um persistente esforço em mostrar que o feminismo nada teria a ver com o comunismo.

No segundo momento, a Federação Bahiana deixa de ser mencionada e o jornal passa a ter uma correspondente paulista, Violeta de Alcantara Carreiro, que escrevia sobre feminismo e a mulher moderna. Para a correspondente, a mulher moderna seria aquela que conseguia conciliar o casamento com uma certa liberdade burguesa, que hoje vemos como bastante restrita. Segundo as autoras, também Violeta foi perdendo espaço, tendo publicado

somente 40 crônicas, inicialmente semanais e por fim mensais até sumirem por completo do jornal pesquisado.

O terceiro momento é apontado com o surgimento na Bahia da União Feminina do Brasil (UFB), ligada a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que, a princípio, foi muito enaltecida pelo jornal que, de acordo com as autoras, tencionava fazer da UFB uma referência no estado, mas, depois, passa a ser duramente criticada, quando o presidente Vargas, alegando medida de Segurança Nacional, manda fechar todos os núcleos da ANL, incluindo a UFB, e prender boa parte de seus membros. O que as autoras procuram mostrar é o modo como a política interferia nas publicações do jornal e no tipo de visibilidade dado ora a um grupo, que em seguida era colocado de lado para ser esquecido, ora a outro. De certo modo, moldando que opinião deveriam ter as mulheres e também os homens sobre o feminismo e outras tantas questões da época.

Procurando discutir sobre o lugar das mulheres nos vídeos didáticos, Denise Bastos de Araujo, em coautoria com a professora Linda Rubim, no texto *Miradas femininas: o lugar das mulheres da TV Escola*, busca mostrar de que maneira a mídia e a escola funcionam como ferramentas de reprodução e transformação da sociedade, por serem difusoras e, por vezes, formadoras de opinião. Além de refletir a respeito do modo como a utilização de imagens modifica o aprendizado, no caso específico de gênero, como imagens estereotipadas reafirmam preconceitos e valores sexistas.

Ao analisarem um dos vídeos da TV Escola, voltado para o ensino fundamental e médio que trata diretamente da história do Brasil, as autoras procuraram perceber e, principalmente, analisar o lugar em que a mulher é representada naquela leitura específica da história. Constataram que as mulheres aparecem restritas ao ambiente privado, apresentadas, na maioria das vezes, alimentando a família. As autoras destacam que mesmo o vídeo, fazendo um avanço em mostrar o espaço privado e principalmente as mulheres, atendendo a uma demanda do politicamente correto, representa essas mulheres em situações que remetem a estereótipos patriarcais. As mulheres aparecem como adereço para a história construída no masculino. Ao concluírem a análise, as autoras marcam que a participação das mulheres no vídeo reforça estereótipos sexistas e androcêntricos do lugar que a mulher deve ocupar na sociedade, um lugar determinado pela ordem patriarcal, o lugar da casa.

Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico, da Professora Cecília M. B. Sardenberg com Gustavo do Rego Barros Brivio mapeia as personagens amadianas que, de alguma forma, participam do universo da prostituição. Para tal mapeamento quantitativo, os autores utilizam o levantamento minucioso de todos os personagens de Jorge Amado realizado por Paulo Tavares, publicado em 1985. Com o mapeamento, os autores puderam concluir que na obra do escritor as prostitutas possuem uma definição de etnia, classe social e, principalmente, estão marcadas por algum tipo de violência de gênero. Além disso, os autores também expõem como, de forma geral, as personagens femininas de Jorge Amado são construídas com base em estereótipos de gênero.

Educação escolar, um instrumental importante para o empoderamento de mulheres?, de Odezina dos Santos Suzarte em coautoria com a Professora Cecília M. B. Sardenberg, apresenta o debate, na coletânea, sobre o empoderamento das mulheres, através da educação, tendo como parâmetro de análise as mulheres de baixa renda que retornam à sala de aula em busca de uma formação básica para uma melhoria de emprego e vida. Mulheres da classe trabalhadora, entre 27 e 61 anos, que, por questões de classe e gênero, tiveram que interromper os estudos na época normal e se sentem diminuídas socialmente por não terem completado nem mesmo o ensino fundamental. Mulheres que, assim como aquelas trazidas por Andrea Cunha e Lina Aras, precisam conciliar o trabalho remunerado com os afazeres doméstico da criação dos filhos, algumas também dos netos, e o retorno à sala de aula. Neste texto, são trazidos depoimentos das estudantes que funcionam para justificar o modo como estas enxergam o estudo e, principalmente, a escola como um espaço de esperança no futuro, uma esperança relacionada a uma emancipação social e individual.

No texto *Sexismo como segregação de sentido: as representações sociais de gênero encontradas entre os instrutores da escola pública de trânsito*, Tatiane de Jesus Chates, com coautoria da professora Ângela Maria Freire de Lima e Souza, procuram mostrar de que forma os estereótipos de gênero, percebidos no cotidiano do trânsito das cidades, se refletem no ambiente educacional da Escola Pública de Trânsito de Salvador (EPT/BA). Para tal análise, as autoras levaram em consideração três aspectos: a importância de uma educação para o trânsito que diminua as desigualdades de gênero, a análise do currículo e

as práticas pedagógicas dos professores. A partir de entrevistas realizadas com os professores, todos policiais militares, as autoras concluem como esses reproduzem estereótipos, ao marcarem uma diferença entre homens e mulheres que aprendem a dirigir, diferença ligada a uma visão sexista que fixa identidades de gênero obrigatórias, afirmando ou subentendendo em sala de aula que homens dirigem de tal maneira e mulheres de tal outra, sem levar em consideração a construção social do que é ser homem ou ser mulher, privilegiando enfim, uma visão sexista reproduzida em sala de aula.

De autoria de Débora Cohim em coautoria com a Professora Ana Alice Alcântara Costa, *Mães: cúmplices, negligentes... que lugar elas ocupam na violência sexual contra crianças e adolescentes?* é um texto que trata diretamente do tema da violência sexual, colocando como foco as denunciadas (em alguns casos os denunciados) que, na maioria das vezes, são também as acompanhantes dos menores que, como salientam as autoras, são aquelas que decidem sobre o andamento e encaminhamento dos processos de violência contra menores.

Para tratar diretamente da figura das acompanhantes, as autoras mostram que, na maioria dos textos que falam sobre a violência sexual contra menores, é exigido e cobrado das mães que estas denunciem, que protejam suas crianças quando a cobrança do pai não existe, o que, segundo as mesmas, evidencia como uma leitura de gênero é fundamental para pensar e encaminhar os casos de violência. A sua descoberta gera a necessidade de um reordenamento do mundo por parte dessas mulheres que vêm todo o mito em torno de uma “família feliz” desmoronar ao tornar público algo que deveria estar no campo do privado, como é o caso da sexualidade, principalmente uma sexualidade violada. Decidir denunciar aparece na pesquisa enquanto uma ação muitas vezes solitária, enfrentada pelas mulheres, quando rompem com a família e, em muitos casos, são socialmente confrontadas até mesmo pela própria criança vitimada que teme que o pai seja preso.

As autoras criticam os textos que colocam como regra mães negligentes, mostrando os enfrentamentos que essas mães precisam ter, abrindo mão de conforto e comodidade para proteger seus filhos. Ao falar das mães, as autoras também marcam o despreparo dos agentes institucionais que, ao receberem uma denúncia, muitas vezes ou colocam a culpa nas mães e as de tratam ou as colocam como negligentes, reproduzindo uma ideologia de gênero. Estas concluem mostrando que as políticas públicas devem ser melhor

direcionadas, no sentido de formar os agentes com uma perspectiva de gênero e, com tal perspectiva, elaborar e implementar políticas públicas voltadas para um melhor tratamento e encaminhamento dos casos de violência contra crianças e adolescentes.

Também de coautoria da professora Ana Alice Alcantara Costa, o texto de Elizabete da Conceição Paiva de Oliveira, intitulado *A homossexualidade na disciplina ensino religioso*, vai discutir sobre o tratamento dado à homossexualidade em escolas confessionais de ensino fundamental e médio em Salvador, tomando como ensejo a teologia feminista e o depoimento dos professores da disciplina de ensino religioso. O texto busca mostrar como tais professores, ao optarem por uma perspectiva polarizada, não apenas não tratam do tema como se omitem no debate e, por conseguinte, tendendo para uma perspectiva legitimadora das relações de gênero tradicionais. A partir da pesquisa realizada, as autoras pontuam as diferentes abordagens entre professores católicos e protestantes, mostrando que os primeiros conseguem ter uma maior liberdade para tratar do tema sem, no entanto, colocar o debate sobre a homossexualidade no programa da disciplina de ensino religioso.

Para tratar diretamente do tema da homossexualidade com a teologia feminista, as autoras fazem um mapeamento e interpretação de alguns textos bíblicos que tratam diretamente do tema. As autoras concluem o texto questionando o modo como a disciplina de ensino religioso muitas vezes ignora ou condena qualquer tipo de relação homossexual. Assim, delinea-se enquanto um dos maiores desafios para a disciplina a inclusão do humano, criando uma relação entre pedagogia e teologia na formação de novas perguntas que permitam aos grupos marginalizados nomearem as suas experiências e proporem novas respostas.

Quando elas ocupam os espaços de poder... mobilização das trabalhadoras rurais no sindicato (Feira de Santana 1989-2002) é o título dado ao artigo escrito por Tatiana Farias de Jesus em coautoria com a professora Sylvia Maria dos Reis Maia. O referido artigo trata das relações de gênero enquanto relações de poder dentro do espaço de luta do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Feira de Santana (STR-FS). Criado em 1971, sendo uma instituição para atender aos interesses dos fazendeiros e grupos políticos da região, ignorou boa parte das demandas dos trabalhadores do campo. Este quadro começou a se modificar em 1978, com as lutas pela tomada da direção do STR-FS por parte dos

trabalhadores que, após a tomada do sindicato, iniciaram a luta pela manutenção dos trabalhadores no campo.

A luta das mulheres trabalhadoras rurais começa pelo direito à filiação no sindicato, sem a autorização dos pais ou maridos como era obrigatória, e também pelo direito à previdência Social, direito gozado pelos homens e que não contemplava às mulheres. Por meio de pesquisa em jornais, atas, fichários e entrevistas realizadas, as autoras mapearam a participação feminina na conquista do espaço de poder na liderança do STR-FS, participações que, segundo as mesmas, desestabilizaram o modelo sindical masculino questionando, inclusive, as pautas de reivindicações da entidade que passou a contemplar também as demandas femininas.

De autoria de Clebemilton Nascimento em coautoria com a Professora Ivia Alves, *A trama simbólica das piriguetes e putões: um estudo das representações de gênero nos pagodes baianos e na cultura* leva a discussão de gênero para a nova música popular baiana, considerando as letras como construtoras de representações sociais que circulam no imaginário dos jovens. Produzidas e compostas por homens, os autores salientam as posturas ideológicas e as práticas discursivas disseminadas nessas músicas, colocando o foco na presença e na representação da mulher como temática majoritária nas letras dos grupos pesquisados.

Ao procederem com uma pesquisa sobre a origem e consolidação do pagode baiano inserido na indústria do entretenimento, os autores pontuam o pagode como heterogêneo do ponto de vista musical e, no tocante ao foco da pesquisa, conservador ao tratar da mulher, sua liberdade e independência, produzindo e reproduzindo um discurso contrário ao discurso feminista, um discurso que desqualifica a mulher exigindo dela a submissão. Para tratar do tema da mulher no pagode, os autores fazem uma leitura e análise da construção da “piriguite”, figura representativa da mulher moderna, mas, segundo os autores, com um sentido estereotipado e hierarquizado de uma mulher submissa cuja independência e liberdade sexual não deixam de estar atrelada a uma norma patriarcal.

Para a construção deste texto, privilegiei o conteúdo dos artigos, buscando traçar um panorama dos diversos campos de estudo e análise em que *gênero* funciona como uma ferramenta teórica, crítica e metodológica capaz de agrupar conteúdos diversificados como os que foram aqui apresentados.

O que fica claro com a leitura dos textos é a necessidade de se discutir *gênero* como instrumental necessário para se pensar a construção das relações sociais, seja na leitura do passado, seja na interpretação crítica do presente.